

No período de um ano desde a última edição, algumas coisas dignas de realce aconteceram. Houve progressos na formalização do Antropoceno como uma nova unidade geológica que tornaram mais provável o seu reconhecimento oficial. Observou-se uma deterioração das condições em relação aos “limites planetários (*planetary boundaries*)”, com seis dos nove limites agora ultrapassados. As metas do Acordo de Paris (2015) para o combate às alterações climáticas tornaram-se progressivamente mais difíceis de alcançar. Emergiu a denominada “Ecocrítica afetiva” como vanguarda dos estudos ecocríticos, que introduziu uma abordagem centrada nas dimensões emocionais e afetivas das relações entre humanos e a natureza. Esses quatro acontecimentos, entre um conjunto de muitos outros, revelam a importância, quiçá mesmo a necessidade, de dar continuidade à linha de inquérito que prosseguimos nesta publicação.

A estrutura deste número compreende quatro secções, sendo que a primeira integra quatro artigos

O artigo inicial, intitulado “Beyond Neoliberal Presentism: An Eco-Temporality for the Anthropocene” e coescrito por Alessandro Volpi e Agostino Cera, destaca a necessidade de repensarmos a nossa “eco-temporalidade”, desconstruindo o conceito convencional de progresso e ressaltando a importância de manter uma abordagem temporal progressista para possibilitar mudanças políticas e visões de longo prazo. A introdução do conceito de “temporalidade política” convida-nos a uma reflexão profunda sobre a interconexão entre tempo e política, estabelecendo assim as bases para um “regime de historicidade” que seja adequado aos desafios do Antropoceno.

O artigo subsequente apresenta Concha Alós, uma figura que desempenhou um papel pioneiro na consciencialização ambiental e no feminismo num contexto histórico complexo. A sua obra ressoa com preocupações que abrangem aspectos sociais, ecológicos e de género, estabelecendo conexões entre a Ecocrítica, o Ecofeminismo e a sua própria narrativa.

No terceiro artigo, explora-se o universo das redes sociais digitais e da ecologia política, por intermédio da análise do discurso do Primeiro-Ministro de Quebec, François Legault. Nessa abordagem, investiga-se a maneira como os políticos recorrem a representações visuais e a sentimentos positivos para promover a convergência entre o crescimento económico e a transição

ecológica. O estudo realça a importância do discurso político na formação das percepções relativas ao meio ambiente e à sociedade.

O artigo final conduz-nos ao âmbito da literatura realista contemporânea, explorando a maneira como a ficção lida com a questão premente das mudanças climáticas. Destacando a literatura norte-americana e o surgimento do género “cli-fi”, o artigo mostra como a ficção contemporânea aborda as perspectivas individuais dos personagens e o seu vínculo com a sociedade numa era caracterizada pelas influências humanas nos sistemas terrestres.

Na segunda secção deste volume, encontra-se um tributo a William Lee Steffen, escrito por Orfeu Bertolami. O impacto duradouro do autor no domínio da Ciência do Sistema Terrestre é inequívoco, e as suas notáveis contribuições para a compreensão da problemática do Antropoceno merecem o nosso reconhecimento e profunda gratidão. Essa homenagem celebra o seu incansável labor a tal respeito.

Três resenhas compõem a secção seguinte: a de Maria do Carmo Mendes sobre a obra dos curadores artísticos Maja Fowkes e Reuben Fowkes *Art and Climate Change*, a de Ângelo Milhano sobre o ensaio de Clive Hamilton *Defiant Earth – The Fate of Humans in the Anthropocene*, e a de Giulio Pennacchioni sobre o livro de Agostino Cera *A Philosophical Journey into the Anthropocene. Discovering Terra Incognita*.

Na última secção fica disponível a tradução, realizada por João Ribeiro Mendes, da Palestra Tanner sobre Valores Humanos de Dipesh Chakrabarty, *A condição humana no Antropoceno*.

Esperamos que esta edição inspire reflexão, discussão e uma exploração mais profunda dos tópicos críticos apresentados. A complexa interconexão entre o Antropoceno e a Ecocrítica representa um desafio que requer diálogo e ação conjunta, e é nosso desejo que esta revista contribua para essa discussão crucial.

Mais uma vez, aspiramos ter conseguido manter o elevado padrão de qualidade que temos buscado desde o primeiro número, e esperamos que este novo volume seja bem-recebido pela comunidade científica e académica à qual dedicamos o nosso trabalho, especialmente por aqueles que se dedicam à pesquisa nas áreas de Estudos do Antropoceno e da Ecocrítica. Reiteramos o nosso convite para que nos enviem os melhores trabalhos para futuras publicações.

Agradecemos também aos revisores pelo tempo e esforço dedicados à revisão dos textos. Os seus comentários e sugestões valiosas foram essenciais para melhorar a qualidade de cada artigo e resenha crítica.

Os editores
João Ribeiro Mendes & Maria do Carmo Mendes